

Bituca Podre

- Marcos Zoeyras -

A poética de Zoeyras

Antonio Vicente SERAPHIM PIETROFORTE

Eu e meu parceiro Rodrigo Bravo, na organização do selo Neûron, buscamos pela criação, produção e divulgação da poesia experimental; nossos projetos vão ao encontro da experiência literária, priorizando a inovação tanto ao depurar as formas verbais, quanto na articulação do verbal com outras semióticas.

Evidentemente, entre as mídias utilizadas na comunicação de nossas atividades, está o facebook. Postamos poesia visual, seguem 7 curtidas e 1 amei isso; postamos poesia sonora, seguem 2 curtidas e algumas carinhas de choro...; postamos poesia concreta, seguem algumas curtidas, alguém manda, no máximo, um uau! Certo dia, resolvemos postar Marcos Zoeyras: mais de 90 curtidas!!!

Sou professor de Letras, muitos alunos me enviam suas poesias via e-mail, encadernadas, algumas já em forma de livros. Uma dessas alunas é uma moça muito séria e afetuosa, cuja literatura eu respeito bastante; ela, além de me mostrar regularmente sua poesia, certo dia me apresentou seu irmão, que, passado o constrangimento dos primeiros contatos – ele tinha, na época, apenas 18 anos, idade para ser meu neto –, não demorou a fazer o mesmo.

Embora não seja poesia experimental, eu achei sua poesia o máximo: bruta, substancial, forte o bastante para que eu lesse todos os versos atentamente. Poesia sem programa e sem manifesto, fruto da indignação. Coisa de adolescente? No caso dele, ainda bem...

Marcos Zoeyras, evidentemente, é pseudônimo. Marcos faz parte da burguesia proletarizada; seu pai é profissional liberal – taxista –, sua mãe, ex-professora de Geografia, agora aposentada. Ele trabalha no Shopping Mooca Plaza e, porque fala mal dos clientes com os quais é obrigado a conviver – nas palavras do próprio Zoeyras, “a commorrer” – em vários poemas, me pediu para nunca divulgar seu nome de verdade: “tenho medo de perder o meu emprego” – alerta Marcos – “se isso acontecer, venho te pedir dinheiro todos os dias”!

Como se um gerente de merda, capataz de um patrão mais merda ainda, fosse ler poesia...

*esse livro é dedicado a minha irmã, Eva,
obrigado pela ajuda com os versos!
M.Z. (14/10/2016)*

Expelir

(Em parceria com o demiurgo caleidoscópico)

Repousa,
na extensão deste estofado
este poeta
relaxado, e um tanto quanto capenga
em sua primeira tentativa de
fazer-se
verso
de fazer-se
fingimento
de fazer-se
inteiro;

Tal poeta se assusta
com a cara vária de seus irmãos em linhas;
o poeta medita,
recorta-se do todo amorfo
num rito
mefistofélico
e se vê

Marcos Zoeyras,
tocador de lira, no
recôndito de sua poltrona
– o poeta das almofadas turcas
sibilinas –.

“Quem és tu?” pergunta a voz
recalcitrante do pensante esquizo
realizo
“Sou Zoeyras, Marcos Zoeyras”
preciso
independe-me deste corpo liso

daí relaxo-me, dessimesmado,
enfim percepto do que devém
na imensidão senil dum canapé azul-
marinho,

e acesso o cerne do segundo lerdo que sucede o
riso.

Expediente

Cardumes de peixes de camisa polo
levando seus filhotes sórdidos em busca
de travessieiros que sustentem suas cabeças pensas
e pesadas;

um deles vêm tão macilento
perguntar-me sobre o preço de um lençol de
quatrocentos fios;

eu lhe mostro, em meio a tantas medidas,
reverências e salientes sorrisos amarelados de tártaro,
as dimensões, as cores, as texturas,
e, em seu cérebro retorcido, pulsa sempre uma
questão
primordial:

“Uh?”

seu olhar me diz aquilo
que seu gargarejo silábico
deixa soar desarticulado:

“Quê?”

esforço-me em trabalho inútil.

Quando sai, é claro,
“só dar uma olhadinha” é a que veio;

e deixa-me, o peixe homem,
retorna a seu cardume sujo

de bagres comedores de segundos.

Estalo

Perdido nessa terra
de Jesus e bananeiras
eu, Marcos Zoeyras,
pergunto-me quem é aquele filósofo de terninho no
jornal

que jura sentir o meu torpor,
sem jamais ter feito um turno extra
no Black Friday de 2013.

(tudo pela metade do dobro)

E quem é o político palancudo na televisão
flexibilizando minhas horas de serviço,
se horas, não importando quando, são os mesmos
sessenta minutos inflexíveis
de letargia e comedimento
frente à própria vida
frente a expiração do nosso último
suspiro?

...

Acho-me por entre devaneios,
sentado
à obtusa mesa emborrachada de compensado

E o próximo cliente maldito,
com seus olhos vazios
me fita.

Escroto

Finda mais uma venda vazia,
a vontade de mijar que assoma é como um maná
dos céus.

Peço um tempo
como se ele não fosse, de fato, já meu,
e dirijo-me ao imaculado templo da micção

(morrem as comissões, quando se mija,
mas vivo).

Na cabine, cercado por telefones de convite ao sexo,
e crítica política da mais fina qualidade,
e rabiscos indecifráveis que dizem nada
e sabedorias atingidas no momento da cagada,

sento-me para mijar, para que não seja leviano o ato
de me rebelar contra o patrão,
porque enrolar em pé é tão estúpido quanto
militar sentado.

A urina quente irriga a alma, na frieza constante
do ar-condicionado

Incontinente, algo a corta,
– desgraça –
goteja e pinga.

vai-se meu breve momento de paz:

vozes cujos donos de certo têm mãos macias
enojam-me
esvaziando mentes e bexigas de *chai*
latte,
discutindo as reais necessidades do
trabalhador.

Ora, pois,
se me tivessem perguntado,
diria: “era mijar em paz”
mas
agora
tenho que limpar os respingos

que caíram em minha calça velha, na hora da
chacoalhada.

Estória

É fácil xingar o Hitler que,
com seu bigodinho de merda,
atenta primeiro contra Dior antes de Jah.

Pro inferno com a Estória:
sou o produto de um sexo mal-
feito, no feriado da Páscoa,
entre uma ex-professora de geografia
e um taxista
manco,
que deve ter grunhido umas duas moles vezes,
antes de me esporrar naquele ventre
cansado.

Jogado,
no vasto corredor do cagatório
(onde passeiam vermes)
retomo a questão introduzida no início do Poema:

É fácil xingar os Hitlers, e não só ele,
mas todos os Césares, Pol Pots e Stálins
 (Bushes e Kennedies)
quando não se para por um breve e longuíssimo
momento
para limpar os guardanapos, urina,
 restos e detritos,
 do bom burguês consciente,

como faz o faxineiro.

Escambo

Hora do almoço,
vem
é contigo que escapo do marasmo de cetim
destes cueiros.

A praça de alimentação parece o apocalipse
homens e mulheres em indecente passeio
crianças ranhentas
montadas em elefantes, tigres, patos, tartarugas, girafas e
gatos
mecânicos
sujos da merda que vaza de suas fraldinhas

Hoje, no quilão caro & ruim
tem carne com gosto de nada,
tem salada com ovas de larva
tem macarrão frio, com molho não identificado,
tem sushi falseta, de peixe velho pintado de
laranja.
(por 8,99 a cada cento de grama)

mas eu,
num dos poucos benefícios da servidão
tenho desconto de funcionário.

O prato, ainda assim, mínimo,
só pra não ter que ser Mac pela quinta vez
na semana
e poder sobrar no vale
custa-me uns vinte e sete reais (a coca inclusa)

manjo o repasto,
numa mastigação lenta que busca o sabor de cada
minuto de sossego,
mas não a comida,
essa, puta que pariu, tem gosto de lavagem.

No final, que emoção
é ser, do meu jeito, subversivo:

Copo na mão, roubo outra coca do refil do Burger King
longe do olhar
da moça do caixa.

Expiatório

Já no poente o Sol me cega,
 aflito,
fito
 sua alaranjada circunferência monótona,
regando com seus raios a imensidão do estacionamento
cor-de-asfalto;

a lataria dos sedans refulge
 e seu vislumbre
derrete as córneas dos desavisados que por eles passam.

Não há árvores,
 exceto as que delimitam as pistas em direção
à guarita
 onde habita o guarda do *parking lot*
– esse também fita
 o nada –;

encostado na pilastra, eu, Marcos Zoeyras,
 reflito em vão no intervalo
 do turno vespertino,
tentando adivinhar quais problemas têm
 as famílias destruídas que passam o domingo no
Mooca Plaza;

faço-o, pois o almoço de 27,80 – meu luxo podre –
me privou da compra do doce maço de cigarros:
o Marlboro Red, que tira os pecados do mundo.

Minha garganta, excitada pela craca
de alcatrão marrom,
pigarreia sua prece de lamento viciado
– ela quer, como eu, o fumo,
morte em parcela
(o segundo que a vida dá converto em cinza) –

se Deus ressuscitasse agora,
eu pediria um trago.

Não sou de rezar
– nem creio em deus(es) –,
mas um velho barbado que aguardava o über
deu dois pitos num tabaco com sua boca xoxa
e então o jogou fora para entrar no carro;

“por que desperdiçar?”, eu me pergunto,
e procedo serelepe em direção à tocha,
levo-a a boca e – cof! cof! –
que caralho!

O trago nesse Eight – estoura peitos –
me prova que é piada crer
no acaso.

Extra

“Marcos... ô, Marcos, vem aqui um pouco!”

Fala...

“Como é que é?”

O que foi, senhor?

“a Roberta acabou de ligar, tá doente, não vai poder vir

você

vai ter que cobrir o turno dela

amanhã

das cinco às onze”

E nessa hora tanta coisa me cruza a cabeça:

A visita surpresa à vó Marisa,

O filme que marquei com a Vanessa,

A Eisenbahn de trigo que deixei no gelo

para beber com meus amigos

nesse meu fim de infância

acidentado,

e a soneca de tarde pós lasanha...

(prospectos mortos e retalhados)

Vibra o fone e, dita e cuja,
é Vanessa

“que horas a gente se encontra amanhã, hein?”

(nunca)

“Presta atenção, Marcos!”

o bufão martela

(eu

ainda te mato um dia, juro)

“Tem que vestir a camisa da empresa
que nem

o Pedro Paulo”

E Pedro Paulo ri quando apontado

Pedro Paulo, seu otário

pensando que bota banca

pensando que vai ser gerente

pensando que vão aumentar o teu salário

Pedro Paulo

o que querem é mijar na gente
seu idiota, crente
de que a culpa disso tudo é do governo

Ah, Pedro Paulo,

mal você sabe que o sofá que é vendido aqui
dá dois dias
invade o cu do cliente com uma ripa
após perder seu estofado vagabundo

Ou sabe,

mas acredita no mito do preço competitivo
que ensinou aquele outro otário
do treinamento corporativo
e na redução de custos *versus* a satisfação do
cliente...

“Marcos... posso contar com você amanhã?”

NÃO!

Ansiava meu peito por dizer
mas, de novo,
aquela craca me lembra
da conta no vermelho e do vermelho
do Marlboro, distante, benfazejo

Aceito...

...com a grana extra vou poder comprar cigarro

Escafandro

Seco, abafado, difícil de engolir,
é o ar daquela sala de funcionários
saio, abrindo os botões da polo cinza
gotejando
não é aqui que vou passar meu intervalo.

No corredor do Mooca Plaza o ar condicionado é
séptico
ele recicla
o vapor quente do peidar de mil madames
o odor maldito do sovaco de seus filhos
e maridos
esses cavalos anabolizados fedendo a
albumina
e à gasolina de suas motocicletas.

Vejo um desses vermes, sacando um par de óculos
na vitrine, ele se comunica por berros e grunhidos
seus meninos dão risada: *é óculos de viado!*
O invertebrado diz um palavrão e rosna;

do outro lado, garotas de *legging tie-dye*
saíram do Cross-fit
e já xingam o balconista
da loja de sucos vegana
que se perdeu com a receita do *detox*

não é aqui que vou passar meu intervalo.

À frente há um café, mas, sem sucesso,
um capuccino custa treze e uns trocados

Dar uma volta? Andar a esmo por aí?

Não é assim que vou passar meu intervalo.

Só faltam três minutos (sempre conto)
não me decidi
mas eis que a loja de brinquedos se
apresenta logo ali
entre a livraria e a Apple Store

Adentro

e
no meio de Legos, Super Trunfos e Megazords
vejo
um escafandro de plástico
amarelo,
com uma lanterninha no meio da testa.

Eu o visto

meio com vergonha, meio com saudade
– e ele ainda me cabe perfeitamente –
a janelinha logo se embaça
no embaraço
de meus respiros

só posso ouvir o ar que me circula.

Um grito, porém, derruba,
meu devaneio como a mãe severa
outrora, que ralhava: “*se comporta,
larga esse brinquedo!*”
mas era o caixa que gritava agora;

e, no mesmo momento,

o alarme que programo, enfim, dispara
me avisando:

voa tempo, voa,
acaba o meu intervalo:
fim da primavera.

Estertor

Hoje,
no auge do quinto dia inútil,
repousa em minhas mãos o mirrado
cheque

(mate-me).

“Esse mês foi fraco”

diz o chefe,

seu bigode engordurado mexe
e remexe,
espalhando-se por sua boca mole;

essa boca que vomita meu marasmo,
com sua dentição amarelada, incompleta;

resta apenas que ele cuspa em minha cara
e

me seguro quando cospe
uma gotícula, um perdigoto,
em meu rosto submisso de rapaz
trabalhador.

(mas hoje não!)

Ao tapa em sua fuça segue um pontapé
no saco,
e no queixo que se abaixa segue o
gancho
fraturo o dedo e sua mandíbula,
e sua fíbula
se rompe no contato com a madeira
de lei
dessa cadeira brega de oitocentos paus

e, agora, seu pé quebrado
faz-se a estaca que se encrava em sua pança,
revelando sangue, revirando entranhas

– se estrebucha meu vampiro temporal –

seu hálito, fétido,
embalado pela morte
se esmaece enquanto mijo em sua chaga.

Meus colegas, duros feito pedras
negam que veem, mas veem,
quando começo a destruir a torpe loja
quando roubo o dinheiro do caixa coberto
de sangue e de fluídos corporais do velho

“chefe!”

grita Pedro Paulo, funcionário do mês,

verme

afundo-lhe a cara com o pé da cadeira
e Pedro Paulo rodopia,
seus dentes no ar descrevem

órbitas, ângulos;

Berenice, do caixa, estarrecida:

“chama a polícia!”

e agora um prato se estilhaça em sua

cara

e com seus cacos cego Clóvis, do depósito.

Festa!

Lençóis em chamas, sofás rasgados, tapetes sujos de mijo, sangue, bile, flegma, pâncreas, fígados, cérebros e dejetos se misturam a pitoresca cena cadavérica; meninas gritam, guris vomitam, ao perceber o pandemônio que se encerra apenas no profanar do último travesseiro; e, abutre, carnicheiro, pé quebrado em punho, avanço lento até a próxima loja...

“Marcos...”

caio em mim

“Presta atenção!”

revejo a besta

“...Se esforçar mais no próximo mês, hein? Tem que vestir a camisa da empresa!”

Beleza, patrão, entendi...

“Bom descanso, Marcos

Até amanhã...”

(respiro fundo)

amanhã é mais um dia de trabalho.

Marcos Zoeyras (07/12/1996) pediu-me que não o designasse por poeta e nem divulgasse seu nome real, com medo de represálias corporativas. Trabalha como vendedor em uma loja de móveis em São Paulo e sonha em ser baterista de heavy-metal. Pratica quando dá em sua Dolphin improvisada. Encorajado por sua irmã, estudante de Letras, compôs *Bituca Podre* como denúncia silenciosa dos marasmos da vida no *shopping center*. Imerso em melancolia e ironia, além de possuidor de um excelente ouvido para captar as nuances de sua língua, ele nos pinta em seu livreto um retrato incomodamente realista dos conflitos de um jovem trabalhador contra seus iguais despolitizados e contra a pseudoelite *nouvelle riche* paulistana da década de 10. Quando lhe perguntei se escreveria outro livro de poemas, Marcos deu um sorriso e me respondeu: “*aff... nunca mais...* (deu um trago em seu Marlboro) *mó rolê...*”.

(Rodrigo Bravo)